

## **Resenha**

---



### **MAS, “EU” QUEM? – comunicação, ética e socialidade**

But, “I” who? – communication, ethics and sociability

CLEBER GIBBON RATTO\*



BARROS FILHO Clóvis de; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo.  
**Comunicação do Eu – ética e solidão.** Petrópolis: Vozes, 2005.

O que é o eu? Existe afinal um eu? São essas as questões iniciais de Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Bernardo Issler ao apresentar **Comunicação do Eu – ética e solidão**. A problemática que há muito ocupa a cena filosófica, penetra contemporaneamente nos mais diversos campos da cultura e nos desafia a olhá-la frontalmente. Com a invisível naturalidade daquilo que está muito próximo de nosso nariz, a unidade do “eu” parece ser um dos mais caros produtos da metafísica da subjetividade moderna, com ampla penetração nos discursos e práticas sociais.

Com velocidade estonteante e em linguagem clara, os autores percorrem a superfície do tema da subjetividade, tomando-a sob a perspectiva da comunicação. É sobre o eu, figura eminente de nossos discursos, que o livro desfere seu golpe de linguagem colocando luz sobre as possibilidades e limites da vida social ante a fugacidade radical do mundo. A primeira parte do livro refere-se aos modos de enunciar o que somos. *O Eu que se apresenta*. Tomado como necessidade da vida em sociedade, o discurso sobre si é tratado como narrativa identitária em permanente circulação e perene provisoriade. “Depoimentos e perfis, tão ávidos pelo flagrante ao

---

\* Psicólogo, psicoterapeuta, doutorando em Educação na PUCRS, Porto Alegre/RS.  
E-mail: [cgratto@hotmail.com](mailto:cgratto@hotmail.com)  
Artigo recebido em: outubro/2006. Aprovado em: abril/2007.

vivo e condenados a descrever cadáveres” (BARROS FILHO et al., 2005: 17). O eu que se apresenta está sempre em atraso, e no desejo de comunicar-se retém apenas o que já não é, o que fluiu e continua fugindo, escapando à comunicação.

Restará algo de nós que possa ascender à condição de essência? Ou estaremos fadados a produzir narrativas radicalmente ficcionais ao pretendermos fazer a pesquisa de nós mesmos? São questões tipicamente filosóficas.

Seja pela abordagem daquilo que se torna o conteúdo do “eu” ou pela discussão da forma como se manifesta, os autores transitam na primeira parte do livro por um terreno pantanoso com a leveza acadêmica que permite fazer da erudição uma manifestação de rodapé. Aliás, a leveza do texto contrasta com a densidade das conexões oferecidas pelas numerosas notas que dão ao leitor a possibilidade de ultrapassagem do texto num exercício de composição com outras paisagens teóricas.

Ainda aqui, a apresentação de acurada pesquisa sobre o discurso identitário dos profissionais de relações públicas, através do que os autores ratificam a posição de que não há discurso moral sem espaço de produção social que lhe dê corpo como um objeto-fetice. A reificação de um determinado discurso – neste caso o discurso da transparência e da livre circulação de informações – assegura a regulação e o consenso legitimando na maior parte das vezes uma regra moral que dispõe sobre o universalmente irrealizável e, por decorrência, universalmente indiscutível. Na seqüência, entra em cena a problemática da voz e sua constituição social, implicada diretamente no bem traçado desenho do “eu que se apresenta”.

No *Eu apresentado*, segunda parte do livro, encontramos o mapeamento de uma dita polifonia discursiva que classifica, reduz, simplifica, gera estereótipos, incita, autoriza, silencia. Enfim, uma variedade inesgotável de efeitos que vão doando sentido ao eu apresentado, fixado no mundo das significações. O “eu” apresentado e o “eu” que se apresenta imbricam-se inextorquivelmente numa negociação identitária que faz o silêncio não só do corpo unitário dos vivos, mas também do corpo fragmentário dos mortos. Na impossibilidade de conhecer tudo, os autores falam do processo de simplificação que nos assegura a tranquilizadora possibilidade de conhecer um pouco.

É da radical incomunicabilidade da experiência que brota a esperança de um encontro de solitários. Comunicar é o que nos resta, ainda que imperfeitamente, para compartilharmos nossa solidão. Vemo-nos na

alienação identitária de nós mesmos, resultante do isolamento em nosso frágil contorno, nos limites da pele que nos suporta.

De modo derradeiro, os autores apresentam o eu como verbo, ação, manifestação, atividade. O eu não é, dizem. Daí a comunicação do eu é sua própria condição de existência. Condição necessária à fabricação de um rosto, uma topografia que nos dê lugar no mundo e sentido à experiência de estar vivo: “a manifestação mais bem acabada para si de si no momento” (BARROS FILHO et al., 2005: 134). O eu mostra-se como um discurso inesgotável que insiste, num mundo que é apenas presença e afirmação.

Em tempo de éticas estetizadas, a contribuição de *Comunicação do Eu* parece surgir não somente àqueles que celebram a falência do sujeito moderno e sua vocação emancipatória, mas também aos que temos vontade de amar o que é, na potente afirmação do devir. O devir que é tudo que há, tudo que é, a cada novo flagrante. Nada falta ao mundo e é da celebração desse “sim” que se nutre a vontade de potência.

No entanto, a envolvente e apetitosa leitura dessas pouco mais de cento e quarenta páginas, inscreve-se numa tradição que a precede há muito. É, sobretudo em Nietzsche que encontramos a mais ácida e radical oposição à metafísica de unidade e soberania do sujeito. Talvez por essa razão valha tirar do rodapé as palavras do próprio filósofo, às quais indubitavelmente devemos boa parte de nossos argumentos críticos nos últimos duzentos anos. “*O que me separa de modo mais profundo dos metafísicos é isto: não concordo que o ‘eu’ seja aquilo que pensa; ao contrário, considero o ‘eu’ como uma construção do pensamento, com o mesmo valor que ‘matéria’, ‘coisa’, ‘substância’, ‘indivíduo’, ‘propósito’, ‘número’, isto é, só como ficção reguladora, com a ajuda da qual se introduz, se inventa, no mundo do vir a ser, uma espécie de estabilidade e, portanto, de ‘cognoscibilidade’*” (NIETZSCHE apud BARROS FILHO et al., 2005: 15, nota 1)

No campo educacional, onde tradicionalmente parecemos nutrir um especial apreço pelo sujeito e pela emancipação, os ensaios sobre ética e solidão desse livro surgem como uma golfada de ar fresco, que pode nos desacomodar do tranqüilizador lugar de quem crê na possibilidade de conhecer o mundo e fazer-se senhor sobre ele. Na esteira de toda a crítica do sujeito que nos precede, nossos tão caros problemas referentes à educação humana são mais uma vez alvejados, desta vez pela desafiadora e provocativa interpelação da “Comunicação do Eu”. Mas, *eu* quem?

Visite a *Home Page* do  
Programa de Pós-Graduação em Educação:

**[www.pucrs.br/faced/pos](http://www.pucrs.br/faced/pos)**